



o papel da universidade no século XXI

por raissa saraiva

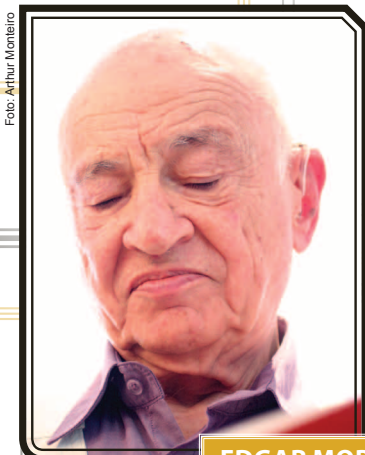


Foto: Arthur Monteiro

EDGAR MORIN

A universidade deve manter-se em constante diálogo com a sociedade bem como incorporar novas formas de saber para educar uma juventude que precisa de grandes estímulos para seguir participando. Esta foi uma das conclusões a que chegaram os participantes do **3º Congresso Internacional de Transdisciplinaridade, Complexidade e Ecoformação**, evento realizado pela Universidade Católica de Brasília (UCB) em parceria com a Universidade de Barcelona, localizada na Espanha, em setembro de 2008.

Dentre as diversas personalidades do mundo acadêmico que estiveram presentes no Congresso, destaque especial para o sociólogo e pensador francês Edgar Morin e o teólogo, antropólogo e filósofo brasileiro Leonardo Boff.

Recebido de forma entusiasmada pelo público na palestra inaugural do evento, Edgar Morin, com seu estilo peculiar – que congrega serenidade e argumentação sólida – falou sobre o tema do seminário buscando

as raízes históricas da palavra complexidade, com referências ao pensamento filosófico grego, medieval e contemporâneo. Ex- integrante da direção do Centro de Estudos Transdisciplinares (com o qual colabora até hoje) Morin possui trabalhos mundialmente conhecidos sobre complexidade e transdisciplinaridade. Para o pensador, a complexidade não se encaixa em nenhuma categoria científica, mas deriva da idéia de pluralidade, que por sua vez leva à transdisciplinaridade. Ainda de acordo com Morin, a crise científica em que o mundo se encontra vem justamente da separação dos saberes, da ausência da transdisciplinaridade, fenômeno que se originou com o advento da ciência moderna.

Autor de mais de 70 livros, Leonardo Boff também foi ovacionado pelos participantes do Congresso. Internacionalmente reconhecido por seus estudos na área de teologia, filosofia, antropologia e mística, e árduo defensor dos Direitos Humanos, o brasileiro defendeu a renovação da universidade por meio da interação entre instituição, sociedade e incorporação de novos saberes.

ESPAÇO PARA O DIÁLOGO

A discussão acerca do papel da universidade no século XXI foi um dos pontos chave do Congresso. A instituição universitária, distribuidora histórica de conhecimento, é considerada espaço de diálogo e indagação. Para Edgar Morin, a Universidade tem como missão superar a fragmentação das disciplinas. “Sabemos que a universidade moderna rompeu com a medieval, agora é hora de mudar novamente”, diz Morin. Ele acredita que a reforma universitária permanente é essencial e pode ser feita através do ensino e da adoção da transdisciplinaridade e da complexidade.

Leonardo Boff, por sua vez, defendeu a universidade do novo século. De acordo com o teólogo, o ensino universitário fechou-se para outras formas de conhecimento fora da ciência e da tecnologia, e precisa urgentemente incorporar o saber popular em sua grade curricular. Boff acredita que a interseção dos saberes acadêmico e popular possibilitaria um aprendizado completo, já que uniria teoria e prática, ciência e experimentação.

A formação de um cidadão planetário e global, conhecedor da prática e da teoria aplicada foi defendida

por Carlos Emediato, coordenador da **Rede Paz**, grupo que se destina a congregar projetos com base na educação do futuro, da paz e da sustentabilidade. “Tem muita sabedoria que não passa pelo livro, e sim, pela experiência de cada um”, observou. Emediato ressaltou ainda que a afetividade e a amorosidade devem ter atenção especial na aprendizagem dos indivíduos, uma vez que a transdisciplinaridade é também formada por diálogos não-verbais e acolhedores. Essas mudanças, na opinião de Emediato, possibilitariam um incentivo à participação, uma quase provocação para se reverenciar e, ao mesmo tempo, reformular o conhecimento já existente.

COMO ESTIMULAR OS JOVENS

Outro ponto debatido no Congresso foi o estímulo a ação dos jovens. Considerada no decorrer de décadas uma categoria combativa e participativa, a juventude vem acumulando, entretanto, status de apatia e desinteresse pelo conhecimento, comportamento que, na opinião dos participantes, precisa mudar com urgência. Carlos Calvo, professor da Universidade de La Serena, no Chile, acredita que os jovens têm toda condição de voltar a se envolver profundamente com o ambiente universitário. “A juventude mescla qualidades: é enormemente solidária, muito trabalhadora, corajosa. Uma vez que sejam seduzidos pelo aprender, não vão apenas solucionar problemas reais, vão construir caminhos”, defende. Segundo a avaliação de Calvo, a escola/ universidade é um ambiente estereotipado e limitado, que se concentra em responder questões ao invés de incentivar o questionamento.

A idéia de que se deve abrir o ensino à vivência pessoal é compartilhado por Leonardo Boff: “o que converte o jovem não é o argumento, é a experiência interna, logo a juventude precisa voltar a campo e praticar o que aprendeu”. Para o catedrático da Universidade de Barcelona, Saturnino de La Torre, o conteúdo teórico tem que vir aliado a projetos. Esta ação, na opinião do professor, atrai o jovem e o faz sentir-se importante. “Quando a juventude se envolve, não há indisciplina, não há aversão a sociedade, mas ao contrário, ocorre uma construção dela”, acredita.

TEORIA EM PRÁTICA

A prática da extensão universitária foi defendida pelos participantes do Congresso como uma forma eficaz de aplicar a teoria e envolver a juventude no trabalho social. Para o professor e consultor do Instituto Paulo Freire, Adriano Nogueira, a extensão é dinâmica e atraente. “Ela é, dentre as três áreas clássicas da instituição universitária – a saber, extensão, ensino e pesquisa – aquela que é menos rígida, já que possui regras mais flexíveis. Dessa forma, é a que mais oferece chances de escutar o alcance das suas presenças e limitações”, explica.

O trabalho da extensão com comunidades foi descrito pelos principais palestrantes do evento como consequência de um novo saber articulado com a transdisciplinaridade. Edgar Morin acredita que o pensamento complexo possibilita uma ligação de vários saberes que impulsionam a solidariedade, sentimento expresso com frequência em ações de extensão universitária. Já Leonardo Boff vê a extensão como a forma pela qual a universidade se insere na sociedade, através da experiência do real. “A extensão abre a universidade à realidade, pois permite ao estudante experimentar, testar seu conhecimento, incorporar conhecimentos novos e trazê-los de volta a instituição, além de ser o espaço onde o jovem amadurece intelectualmente e se transforma num agente de mudanças sociais”, afirmou Boff.

Ao final do Congresso, que contou com a calorosa e atenta participação dos estudantes, observou-se que, para que se mantenha fiel à tradição de perpetuadora do conhecimento, a universidade precisa se manter aberta ao diálogo com a sociedade, assimilando novos saberes e integrando relações. Ademais, segundo os palestrantes, deve saber seduzir a juventude, incorporá-la bem como imprimir-lhe o gosto pelo questionamento. A extensão universitária tem papel fundamental nessa batalha. Nada disso será possível, porém, sem a aplicação da transdisciplinaridade, uma vez que o pensamento complexo, plural, global e prático é o mote do século XXI. ■